

## APRESENTAÇÃO

No livro primeiro de sua obra *Política*, Aristóteles defende, com certa ênfase, que o homem é um animal social (*zoon politikon*) (Aristóteles, *Política* I, 1, 1253a). E o faz de tal maneira que chega a dizer que até mesmo os comportamentos considerados tipicamente humanos, como falar, escrever e o pensamento discursivo, nós aprendemos com os outros. Mas, embora sejamos naturalmente talhados para viver em sociedade e vivermos bem ou felizes, os conflitos e mazelas decorrentes do fato de sermos pessoas com desejos, sonhos, vontades, ambições e projetos diferentes, habitam no mesmo espaço e, igualmente, se tornaram naturais. De forma que, com certa frequência, a nossa tendência natural para o bem viver é ferida por problemas sociais, como fome coletiva, desigualdades sociais, conflitos, guerras, inimizades. Assim sendo, para tornar essas vivências mais saudáveis ao longo da história, os homens desenvolvem construtos teóricos para facilitar e tornar mais justa a vida em sociedade.

Assim, temáticas relacionadas ao cunho social são bastante populares na atualidade. E abundam pesquisas em filósofos contemporâneos sobre o assunto, notadamente, Amartya Sen, Adela Cortina, Hannah Arendt, etc. Contudo, pensadores da filosofia antiga e tardo-antiga igualmente se debruçaram sobre o assunto nos brindando com interessantes reflexões, que podem servir para iluminar aspectos de problemas atuais, e entre esses gigantes do passado que não podem ser desprezados para uma discussão com qualidade sobre o assunto temos Agostinho de Hipona.

Nessa senda, a presente **Edição Especial** da *PRISMA* tem como objeto a investigação do “Pensamento Social de Santo Agostinho”. Na intenção de investigar as contribuições do filósofo cristão para essa importante questão, onze pesquisadores aceitaram o desafio de escrever artigos abordando vários aspectos sobre a temática social em Agostinho.

O autor Ricardo Evangelista Brandão, no artigo intitulado “PENSANDO AS ESMOLAS: reflexões sobre a prática de dar e receber esmolas sob o prisma de Santo Agostinho”, explicitando o contexto da época de Agostinho em que as políticas públicas para tratar a pobreza não eram bem desenhadas, demonstra que a doação de esmola era uma verdadeira prática de justiça social, sendo obrigatória para quem doa e direito para quem recebe.

O agostinólogo Marcos Roberto Nunes Costa assina dois artigos nos quais os conflitos sociais são tratados de forma distinta. No primeiro, intitulado “A ‘SEVERIDADE BENEVOLENTE’, PRINCÍPIO FUNDANTE DA CONCEPÇÃO AGOSTINIANA DA ‘GUERRA JUSTA’”, investiga os conflitos sociais na perspectiva da ‘guerra justa’ para a defesa dos povos, entendida não como medida ideal, mas como o que é possível ante a pecaminosidade humana para se evitar algo pior como a matança indiscriminada de um povo dominado. E, no segundo, “A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE AMIZADE EM AGOSTINHO: de uma experiência vivencial de ‘amizade incipiente’ à definição de ‘verdadeira amizade’”, reflete sobre a amizade verdadeira baseada no amor de Deus, nos auxiliando – em períodos de conflito e sofrimento – a viver a paz pelo amor desinteressado.

Igualmente pensando sobre o amor para a resolução de conflitos, o autor Matheus Jeske Vahl, no artigo “O AMOR *CARITAS* COMO FUNDAMENTO DA PAZ EM SANTO AGOSTINHO”, discute a possibilidade de a paz, em Agostinho, ser a superação de conflitos externos ou internos, alcançada por meio do equilíbrio advindo do amor *caritas*.

Os professores Bento Silva Santos e Camila Melo Silva são autores do artigo “AGOSTINHO E A AMBIVALÊNCIA DAS ‘DUAS CIDADES’: Elementos para uma leitura em prol da tolerância”, em analisam a perspectiva de Agostinho sobre a convivência da Cidade de Deus e a Cidade dos Homens, remetendo-nos a uma reflexão sobre a tolerância entre os diferentes.

Paulo César Nodari, com o artigo “A FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM *A CIDADE DE DEUS* DE AGOSTINHO”, investiga na obra *A Cidade de Deus* os resquícios de uma Filosofia da História, e ela se pode se constituir na mais clara teoria tardo-antiga de uma Filosofia da História Linear.

As autoras Ester Emerick Nascimento, Paula Mayara Gonçalves da Rocha e Terezinha Oliveira assinam o artigo “A IDEIA DE FORMAÇÃO HUMANA E ENSINO NO LIVRO IV DO TRATADO *A DOCTRINA CRISTÃ* DE AGOSTINHO DE HIPONA”, onde se estuda o papel da boa oratória para o ensino da doutrina cristã e para a educação, por meio da exegese do livro IV da obra *A Doutrina Cristã*.

Também por meio de uma exegese de uma obra de Agostinho, o professor Idalgo José Sangalli, com o artigo “A BEATITUDO COMO FIM ÚLTIMO DA VIDA HUMANA”, investiga a construção do conceito de felicidade em Agostinho na obra *De Beata Vita*.

Por fim, o autor Leo Maltchik, por meio do artigo “ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO SOCIAL E POLÍTICO DE SANTO AGOSTINHO POR HANNAH ARENDT”, nos brinda com um estudo sobre como alguns conceitos oriundos do pensamento de Agostinho foram introduzidos na filosofia política de Hannah Arendt.

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (UFPE)

Prof. Dr. Ricardo Evangelista Brandão (IFPE)